

**SILÊNCIO RESSONANTE: O SLAM COMO MANIFESTO
PELA SINGULARIDADE SURDA**

João Paulo da Silva Nascimento (UFRJ)

jpnascimento@letras.ufrj.br

Fabio Carlos Noret Junior (UERJ)

fabionoret7@gmail.com

Alexandre Alves da Silva (UFRJ)

alexandre.alves@letras.ufrj.br

Janaína Cesário de Freitas (UFRJ)

janainacesario@letras.ufrj.br

Joelle Regina Pinheiro Sousa (UFRJ)

joelle_sousa@letras.ufrj.br

RESUMO

O artigo busca compreender o *slam* surdo como um movimento artístico e cultural que desafia as normas tradicionais de linguagem e comunicação, promovendo a valorização da identidade e das narrativas surdas. Ancorado na história de vida de Catharine Moreira e na análise do poema “Voz”, performado por ela e Aline de Lima em Libras e português, o estudo investiga como o *slam* surdo se configura como uma forma de resistência à marginalização linguística e social enfrentada pela comunidade surda. Além de explorar suas raízes históricas e evolução contemporânea, o trabalho discute o impacto do *slam* surdo como espaço de autoexpressão, conscientização e celebração cultural, capaz de transformar percepções sobre a linguagem visual e a comunicação. Estruturado em duas partes principais, o artigo apresenta inicialmente reflexões teóricas sobre o contemporâneo, seguidas de uma análise do poema, destacando como essa forma de arte desafia paradigmas estabelecidos e contribui para a promoção da diversidade cultural, justiça linguística e inclusão social, como vêm apontando Nascimento *et al.* (2024) e Araújo e Nascimento (2021).

Palavras-chave:

Catharine Moreira. *Slam* surdo. Literatura em Libras.

ABSTRACT

This article aims to explore Deaf Slam as an artistic and cultural movement that challenges traditional norms of language and communication, fostering the recognition and appreciation of Deaf identity and narratives. Grounded in the life story of Catharine Moreira and the analysis of the poem “Voz”, performed by her and Aline de Lima in Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese, the study examines how Deaf Slam serves as a form of resistance against the linguistic and social marginalization experienced by the Deaf community. In addition to delving into its historical roots and contemporary development, the article discusses the impact of Deaf Slam as a space for self-expression, awareness, and cultural celebration, capable of reshaping perceptions of visual language and communication. Divided into two main sections, the work first presents theoretical

reflections on contemporary issues, followed by an analysis of the poem, emphasizing how this art form challenges established paradigms and contributes to the promotion of cultural diversity, linguistic justice, and social inclusion, as highlighted by Nascimento *et al.* (2024) and Araújo and Nascimento (2021).

Keywords:

Catharine Moreira. Deaf Slam. Literature in Libras.

1. Introdução

No panorama cultural contemporâneo, o slam surdo se destaca como um movimento artístico que desafia as normas estabelecidas de linguagem e comunicação (Araújo; Nascimento, 2021; Nascimento *et al.*, 2024). Originário das experiências vividas por pessoas surdas em um mundo predominantemente auditivo, o slam surdo não é apenas uma forma de arte, mas também uma manifestação de identidade e resistência contra a marginalização linguística e social. Imagine crescer em um ambiente onde cada palavra falada é um labirinto intransponível, onde a comunicação verbal é uma barreira que separa e exclui. Este é o mundo de muitas pessoas surdas, cujas vozes e experiências são frequentemente marginalizadas em favor da linguagem falada. Como Catharine Moreira, poeta surda que representa muitas narrativas reais e cotidianas, pessoas surdas enfrentam desafios diários de aceitação e compreensão em uma sociedade que muitas vezes não reconhece a plenitude de sua língua visual e de sua cultura.

Neste contexto, o presente trabalho propõe explorar como o slam surdo se insere na tapeçaria da pluralidade cultural. Discutimos não apenas o impacto artístico dessas *performances*, como também a importância da diversidade cultural como elemento central na reafirmação de identidades marginalizadas pelo slam. Ao mergulharmos nas vozes e experiências surdas, buscamos compreender como o slam proporciona um meio de expressão, na medida em que abre espaços de resistência e de reconhecimento de narrativas que, por muito tempo, estiveram à margem dos discursos dominantes.

Ao longo deste estudo, examinamos um exemplo específico de slam surdo que ilustra a pluralidade de perspectivas dentro da comunidade surda. Além disso, refletimos sobre como essas *performances* desafiam e enriquecem nossa compreensão da diversidade cultural, promovendo um diálogo intercultural que transcende barreiras linguísticas e culturais.

Catharine Moreira, nascida surda em um mundo de ouvintes (Sacks, 1989), cresceu em um ambiente onde sua comunicação natural através da língua de sinais era frequentemente desencorajada e menos-prezada. Sua família, apesar de bem-intencionada, não compreendia a profundidade de sua identidade surda. Em vez de valorizar e apoiar sua língua de sinais como um meio legítimo de expressão, foram-lhe impostas expectativas de assimilação linguística. Esse contexto de opressão e inadequação social revela não apenas a luta pessoal de Catharine, mas também reflete um padrão mais amplo de discriminação e negação de identidade cultural entre muitas comunidades surdas ao redor do mundo.

A história de Catharine Moreira não é única. Em toda parte, indivíduos surdos enfrentam desafios semelhantes de identidade e aceitação, confrontando um mundo que muitas vezes insiste em considerar a diferença linguística surda como uma limitação, em vez de reconhecer a riqueza de sua comunicação visual e cultural. É nesse contexto de resistência cultural que surge o slam surdo, uma forma de arte que celebra e afirma a diversidade linguística e a riqueza cultural das pessoas surdas.

O slam surdo é uma extensão decorrente do movimento surdo, que historicamente lutou pela aceitação e reconhecimento de sua língua de sinais como um idioma completo e legítimo (Campello; Rezende, 2014). Em competições de slam, poetas surdos utilizam sua língua de sinais para contar histórias, expressar emoções e compartilhar experiências de vida que frequentemente ecoam as lutas e triunfos de suas comunidades. Essas *performances*, portanto, desafiam as concepções convencionais de poesia e arte, ao proporcionar um espaço seguro onde as vozes surdas são amplificadas e celebradas (Araújo; Nascimento, 2021; Araújo, 2023; Nascimento *et al.*, 2024).

No centro do slam surdo, está a reivindicação de uma voz autêntica e não mediada pela audição. Enquanto a maioria das formas de expressão artística depende fortemente da linguagem oral e da musicalidade das palavras faladas, o slam surdo floresce na expressão visual da língua de sinais. Cada movimento das mãos, cada expressão facial, cada silêncio eloquente carrega significados que transcendem as limitações da linguagem falada. Esta forma de arte desafia os ouvintes a reconceitualizar a própria natureza da linguagem e da comunicação, convidando-os a explorar e apreciar uma estética que é única e poderosamente surda.

Além de ser uma forma de autoexpressão e celebração cultural, o slam surdo também serve como um veículo de educação e conscientiza-

ção. Através de suas *performances* emocionais e poderosas, os poetas surdos não apenas compartilham suas histórias pessoais, como também educam o público sobre as experiências surdas e desafiam estereótipos arraigados sobre a surdez, de modo mais amplo, e sobre a arte surda, de modo particular. Cada slam é uma oportunidade para os poetas surdos se afirmarem como indivíduos plenos e complexos que inspiram mudanças sociais e promovem inclusão e construção de realidades em que a diferença se apresente como potência da nossa qualidade humana, não mais se qualificando pela desigualdade.

Ao considerar o slam surdo, este trabalho busca entender suas raízes históricas e sua evolução contemporânea, bem como destacar seu papel vital na promoção da justiça linguística e na afirmação das identidades surdas. A medida que nos aprofundamos nas histórias e vozes que compõem este movimento, somos desafiados a questionar nossas próprias concepções de linguagem, comunicação e diversidade cultural. O slam surdo, em sua essência, não é apenas um movimento artístico, mas uma poderosa declaração de dignidade e resistência, que ressoa além das fronteiras da audição para inspirar e transformar.

Tomamos, como foco, o poema “Voz”, performado por Catharine Moreira e Aline de Lima, tanto em Libras quanto em língua portuguesa. Com efeito, o texto divide-se em duas seções além desta introdução e das considerações que o fundam: na primeira, apresentamos nossas reflexões teóricas acerca do contemporâneo, as quais embasam nosso gesto de leitura, apresentado logo em seguida, na segunda seção.

2. Reflexões teóricas

O slam representa uma forma de expressão resiliente, que tem como cerne as palavras “existência” e “resistência”. A poesia falada em grandes audiências não é uma novidade, mas o slam se distingue ao se dirigir ao povo em vez de a uma elite. Originada nos Estados Unidos na década de 1980, a *poetry slam* é uma competição de poesia oral que debate questões contemporâneas. Nesses eventos, os poetas se apresentam de forma performática, utilizando apenas suas vozes e seus corpos. Além de um evento poético, o slam tornou-se um movimento social, cultural e artístico global, em que poetas da periferia abordam criticamente temas como racismo e violência, provocando reflexão e ação política na plateia. Em outras palavras, trata-se de um debordamento político e estético, no

qual se verificam, a um só tempo, a extensão e a distensão oriundas dos locais de agenciamento, de encontros e de resistências.

Os campeonatos são compostos por várias etapas ao longo do ano, culminando no Campeonato Brasileiro de Slam e na Copa do Mundo de Slam, realizada anualmente na França. No Brasil, Roberta Estrela D'Alva foi fundamental na introdução dos slams, enquanto Emerson Alcalde, do Slam da Guilhermina, promoveu essas expressões poéticas nas escolas, reconhecendo a poesia como uma forma de educação e transformação social. É essencial considerar que os slammers desafiam as normas literárias tradicionais, buscando serem reconhecidos como escritores nacionais legítimos.

Cynthia Agra de Brito destaca que os slammers reivindicam espaço como autores, rompendo com a linguagem elitizada da literatura e representando uma “reexistência” cultural, para utilizar o termo cunhado por Ana Lúcia Silva Souza (2011). A inclusão dos slams nas escolas é vista como essencial para empoderar os alunos, especialmente aqueles de origem marginalizada, dando-lhes voz e promovendo uma cultura de resistência e identidade. Por isso, o slam não é apenas poesia, mas um manifesto de resistência e afirmação cultural, que desafia os paradigmas literários estabelecidos e capacita jovens a se expressarem de maneira autêntica e transformadora.

Segundo Rachel Sutton-Spence (2021), a expressão literária original na língua de sinais, sem passar pelo filtro da tradução das línguas orais para a visual-espacial, possui um valor significativo para a comunidade surda, pois incorpora as experiências e vivências dos indivíduos surdos. Essa forma de literatura permite aos surdos vivenciarem suas próprias experiências de maneira autêntica, assim como os ouvintes vivenciam as suas. A autora enfatiza que essa literatura é importante porque as vivências dos surdos não são iguais às dos ouvintes, abordando questões como a resistência à opressão social, os desafios educacionais enfrentados pelos surdos, a alegria de aprender e utilizar a Libras, a experiência visual do mundo surdo e os sucessos da comunidade surda.

Independentemente do tema abordado, a literatura na língua de sinais oferece uma perspectiva visual única das experiências surdas (Sutton-Spence, 2021). Ao longo de seu trabalho, Sutton-Spence destaca que as criações literárias da comunidade surda não se limitam ao ambiente acadêmico, mas também são encontradas nas ruas, teatros e festivais, especialmente em manifestações culturais periféricas como o slam. Isso

demonstra que os surdos estão gradualmente ocupando diversos espaços relacionados às artes na sociedade, apesar de todo culto capacitista. No entanto, há ainda uma significativa falta de acessibilidade linguística na divulgação dessas obras em língua portuguesa, o que exclui uma parte considerável da população surda que ainda não tenha letramento satisfatório nessa língua.

Assim como qualquer outra sociedade, a comunidade surda busca formas alternativas de consumir arte ao longo dos anos, interagindo tanto entre seus pares quanto com os ouvintes, sendo o slam um exemplo de arte inclusiva e acolhedora que aceita a todos como são. Para ilustrar a vitalidade dessa comunidade, se faz pertinente explorar a arte e a poesia slam produzidas por surdos e como essas expressões artísticas se destacam como ferramentas de reexistência para a comunidade surda. Reflexões conforme as de Santos, Grigolom e Medeiros (2020) indicam que tanto os observadores do slam quanto os participantes, conhecidos como slammers, experimentam reflexões libertadoras. Isso permite que percebam as políticas e ideologias predominantes estabelecidas pelos “Aparelhos Ideológicos de Estado” (Althusser, 1985), que funcionam como mecanismos para posicionar os indivíduos na sociedade.

Por meio da arte, podemos expressar nossas indignações, sensações, revoltas e alegrias. Ao longo dos anos, a literatura tem deixado de ser predominantemente uma expressão da maioria ouvinte, e cada vez mais encontramos obras criadas pela comunidade surda (Araújo, 2023; Nascimento *et al.*, 2024). No entanto, ainda há uma barreira linguística significativa, dadas as dificuldades políticas e discursivas de legitimação da Libras como uma língua natural. Um dos meios de produção e divulgação da poesia em Libras, por exemplo, são os vídeos disponibilizados em plataformas digitais, que, apesar de serem facilmente acessíveis, não são amplamente difundidos devido à falta de conhecimento do público em relação à língua de sinais, apesar de esta ser reconhecida por lei no espaço-tempo brasileiro.

Apesar da proliferação de diversas identidades e sujeitos, ainda persiste a precarização e marginalização das culturas minoritárias, refletindo-se especialmente no campo estético. Contudo, grupos sociais marginalizados têm emergido com práticas de afirmação e resistência, consolidando suas identidades por meio de suas vozes, muitas vezes expressando-as artisticamente. Assim, torna-se imperativa a necessidade de abordar a produção artística contemporânea sob a ótica da diversidade, visto que:

O contemporâneo não se limita apenas àquele que, reconhecendo as sombras do presente, consegue enxergar uma luz decisiva; é também aquele que, intercalando e compartilhando o tempo, tem a capacidade de transformá-lo e relacioná-lo com outros tempos, reinterpretando a história de maneira original, "citando-a" por uma necessidade que não surge de sua própria vontade, mas de uma exigência à qual ele não pode ignorar. (Agamben, 2009, p. 72)

Portanto, repensar a literatura contemporânea de modo a considerar as literaturas em línguas de sinais, conforme defendem Araújo e Nascimento (2021), implica na reformulação do conceito de “cânones literários”. Esses cânones podem ser entendidos como a seleção de obras determinada por uma autoridade reconhecida, estruturadas conforme os princípios orientadores, que advém de um determinado grupo social, o que reflete em um acordo imaginário carente de equidade. Nesse sentido, percebe-se que uma obra é consagrada como canônica a partir dos valores dominantes que a sociedade preserva e, ao ser elevada ao status de clássica, mantém um padrão hegemônico que relega várias manifestações literárias à periferia.

3. *Um gesto de leitura*

O slam surdo intitulado “Voz”, apresentado no programa *Manos e Minas* (TV Cultura), é uma obra poética e performática que mergulha nas profundezas da cultura surda, utilizando a língua de sinais como meio de expressão artística e reivindicação de identidade. Criado por Catharine Moreira e Amanda de Lima, este slam não apenas desafia as convenções linguísticas predominantes, mas também amplifica as vozes surdas marginalizadas, oferecendo uma narrativa visual e sensorial que ressoa além das fronteiras da audição.

A *performance* em questão pode ser acessada pelo *QR Code* a seguir. No entanto, reproduzimos também sua transcrição para língua portuguesa.

Figura 1: *QR Code* para acesso à *performance*.



Fonte: Produção Própria.

Figura 2: Registro da *performance*.



Fonte: Slam do Corpo

VOZ

Nasceu surda em um mundo de ouvintes, cresceu muda numa sociedade de cegos tudo que tinha de seu não tinha lugar, nem direito vivia encarcerada numa cela que chamavam lar.

A família carcereira, não era de muita conversa:

Cala a boca Catharine! Para de mexer essas mãos, fica parecendo macaco de estimação. Quê que cê pensa que vai fazer, no futuro vai trabalhar com quê? Vai o quê? Trabalhar num circo? Não! Você precisa aprender falar português, mas que nem gente normal, entendeu? Cê precisa ser mais normal, Catharine. Eu tenho vergonha de andar na rua com você, você fica lá:

-Ah, ugh, eh, ih, ih...

As pessoas ficam olhando. O que é? Você é preguiçosa, né? Cê não aprende português porque não quer. É burra? É por isso? É tão fácil, é fácil. Você abre a sua boca e fala. Abra a boca e fala. Não, você não usa sua mão. Abra a boca, lê a minha boca, aqui ó. Abra a boca e fala! Abra essa boca e fala!

-Ahhhh! Chega desse seu mundinho ridículo de normalidade. Que você pensa que é, vivendo essa falsa identidade. Eu sou surda, tenho a minha voz, não preciso falar a sua língua para ter voz.

Essa *performance* aborda questões de identidade, exclusão e resistência de uma pessoa surda em uma sociedade predominantemente auditiva e ouvintista. O slam surdo “Voz”, nesse sentido, é uma poderosa declaração de independência e identidade na comunidade surda. Trata-se de uma *performance* que desafia diretamente a ideia de que a validade ou o valor de uma voz depende da conformidade com normas auditivas e linguísticas predominantes.

Ao afirmarem “Eu sou surda, tenho a minha voz”, as artistas reiteram a importância e a legitimidade da língua de sinais como meio de comunicação e expressão cultural. Isso não apenas questiona a ideia de que a voz deve ser exclusivamente vocal ou oral, mas também destaca a riqueza e a complexidade da língua de sinais como um sistema linguístico completo e vibrante. Além disso, ao afirmarem que não precisam “falar a sua língua para ter voz”, Catharine Moreira e Amanda de Lima estão criticando a imposição de padrões linguísticos que excluem ou marginali-

zam pessoas surdas. Essa declaração possui uma dimensão política significativa, enfatizando a importância de respeitar e valorizar a diversidade linguística e cultural, especialmente em uma sociedade predominantemente oralista.

O texto destaca a experiência da protagonista, Catharine, que nasceu surda em um mundo de ouvintes. A referência ao “slam do corpo” pode ser interpretada como a expressão da identidade surda através do corpo, especialmente da linguagem gestual, que é central para a comunicação da protagonista. Catharine enfrenta uma realidade na qual sua forma natural de comunicação, por meio das mãos e da linguagem gestual, é desvalorizada e rejeitada pela família e pela sociedade.

Há um conflito evidente entre a pressão para se conformar aos padrões auditivos dominantes e a resistência de Catharine em manter sua própria identidade surda. A luta pelo poder da linguagem é um tema central. A família de Catharine, no poema, tenta impor a língua majoritária como norma, questionando sua inteligência e normalidade por não adotar a fala do português. No entanto, Catharine reivindica sua voz própria ao afirmar que ser surda não a impede de ter uma voz, uma identidade e uma dignidade próprias.

O texto pode ser visto como uma *performance* de slam, uma forma de arte que frequentemente desafia as normas sociais e políticas. Ainda, pode ser apontado também como uma batalha de rimas, porém diferenciada por conta das línguas utilizadas: o português falado e a libras. Catharine se expressa através de um discurso de reivindicação, confrontando as expectativas sociais e rejeitando a ideia de que precisa se conformar para ser aceita. O último verso, “Eu sou surda, tenho a minha voz, não preciso falar a sua língua para ter voz”, encapsula a resistência cultural de Catharine. Ela afirma sua identidade surda como legítima e válida, rejeitando a imposição de uma norma que marginaliza sua forma de comunicação.

Nesse sentido, a *performance* vai além das palavras faladas. A expressão corporal, as expressões faciais e a entonação emocional são elementos essenciais que enriquecem a mensagem transmitida. A harmonia entre as duas artistas intensifica o impacto da mensagem, demonstrando um compromisso compartilhado com a solidariedade e a representação da comunidade surda. Evidencia-se, em sua *performance*, a metáfora do “beijo de línguas”, sobre a qual fala o poeta surdo Leonardo Castilho.

O slam poético apresentado revela as complexidades da identidade surda em um contexto de exclusão e resistência cultural. Ele desafia as normas sociais ao dar voz à experiência marginalizada de Catharine, destacando a importância da língua de sinais e rejeitando a ideia de que ser “normal”, isto é, “vestir-se de ouvinte”, é necessário para ser valorizado. Então, Catharine Moreira e Amanda de Lima exemplificam como a arte pode ser uma ferramenta poderosa para reafirmar identidades, resistir culturalmente e advogar pelos direitos linguísticos: tendência do slam surdo, conforme Araújo e Nascimento (2021) e Araújo (2023). Ao desafiar e redefinir conceitos de voz e linguagem, essa *performance* opera como pedagógica, na medida em que capacita tanto os ouvintes quanto os membros da comunidade surda a reconhecerem e valorizarem a diversidade linguística como um aspecto fundamental da experiência humana.

4. Considerações finais

A expressão artística do slam surdo revela um “silêncio ressonante”, positivamente dissonante, que ecoa além das limitações da oralidade, explorando as profundezas das culturas e identidades surdas. Nesse contexto, o silêncio não é ausência, mas uma forma de comunicação rica e poderosa, materializada através da língua de sinais e da *performance* poética. Ao desafiar as normas linguísticas predominantes, entendemos que o slam surdo se torna um espaço de afirmação cultural e resistência, em que o silêncio se transforma em voz e narrativa.

Através dessa forma de expressão, os artistas surdos celebram sua língua e cultura, confrontando estereótipos e barreiras sociais e promovendo uma visibilidade e uma compreensão mais profunda das experiências surdas a partir de seu próprio local de fala. Portanto, o “silêncio ressonante” do slam surdo inspira não apenas a comunidade surda, mas também – e sobretudo – desafia o público a reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural como um enriquecimento para a sociedade como um todo.

No contemporâneo, o slam surdo emerge como uma manifestação artística que transcende as barreiras da comunicação tradicional, celebrando a riqueza e a diversidade da comunidade surda. Em um mundo predominantemente ouvinte, em que a língua de sinais muitas vezes é marginalizada, o slam surdo desafia as normas estabelecidas, de modo a reivindicar um espaço legítimo para a expressão visual e cultural das pessoas surdas.

O discurso de Catharine Moreira e Aline de Lima, que reflete a experiência de muitos surdos, ilustra os desafios diários de aceitação e compreensão em uma sociedade ouvintista. A opressão e a tentativa de assimilação linguística enfrentadas por Catharine, em específico, são um microcosmo da luta mais ampla da comunidade surda por reconhecimento e respeito de suas identidades e culturas. Através do slam surdo, essa comunidade minorizada encontra um meio para afirmar sua voz autêntica, utilizando a língua de sinais para contar histórias, expressar emoções e compartilhar experiências de vida.

A análise teórica do slam, destacada por autores como Rachel Sutton-Spence e Cynthia Agra de Brito, revela o potencial transformador desta forma de arte, tanto para a comunidade surda, quanto para a comunidade ouvinte. O slam é uma forma de resistência cultural que desafia os cânones literários tradicionais e promove a inclusão e a diversidade. As *performances* de slam poético proporcionam reflexões libertadoras, permitindo que os participantes e o público reconheçam e questionem as ideologias predominantes, conforme debatem Araújo (2023) e Nascimento *et al.* (2024).

Por fim, o slam surdo não é apenas uma expressão contemporânea da literatura brasileira, mas uma afirmação vibrante de identidades, inclusão e poder transformador do silêncio ressonante na arte e na vida. O slam surdo é mais do que uma forma de arte; é uma declaração de dignidade e resistência. Ele desafia o público a reconsiderar suas concepções de linguagem, comunicação e diversidade cultural, no intento de promover a justiça linguística e a afirmação das identidades surdas. Ao explorar as raízes históricas e a evolução contemporânea deste movimento, somos convidados a celebrar a diversidade linguística e a riqueza cultural das pessoas surdas, reconhecendo sua voz autêntica e transformadora na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARAÚJO, D. R.; NASCIMENTO, J. P. S. Slam Surdo: Expressão Contemporânea da Literatura Brasileira? *E-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 12, n. 1, p. 1-18, Nilópolis, jan./jun. 2021.

ARAÚJO, D. R. *Autorrepresentações e afirmações identitárias em Le cri de la mouette (1994), de Emmanuelle Laborit: um olhar intimista sobre a condição surda*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, p. 71-92, 2014.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, 2011.

LOPES, M. C. R. (Org.). *Estudos Surdos II: Educação, Direitos e Inclusão*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2015.

NASCIMENTO, J. P. da S.; NORET JUNIOR, F. C.; SILVA, A. L. da; MATTOS, B. de O.; NASCIMENTO, D. C. D. da M. do. Literatura contemporânea em língua de sinais: análise do poema-performance “Submergir no Mundo”, de Paulo Andrade. *Revista Philologus*, v. 30, n. 90, p. 1-18, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2024.

QUADROS, R. M. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, R. de L.; GRIGOLOM, G.; MEDEIROS, J. Slam resistência surda–Curitiba: movimento e poesia. *Revista Espaço*, p. 31-54, 2020.

SANTOS, Natielly de Jesus. O Slam do corpo e a representação da poesia surda. *Revista de Ciências Humanas*, v. 18, n. 2, jul./dez. 2018.

SKLIAR, Carlos. *A Surdez: Um Olhar Sobre as Diferenças*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 1998.

SLAM do corpo nos manos e minas: Voz. Slam apresentado por Catharine Moreira e Amanda de Lima (2 min 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SlamDoCorpo>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência* – poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Literatura surda original para crianças pequenas. *Revista Espaço*, p. 159-76, 2021.